

O tratamento do tópico em uma perspectiva modular da organização do discurso

(The treatment of the topic in a modular perspective of the discourse organization)

Gustavo Ximenes Cunha¹

¹ Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ximenescunha@yahoo.com.br

Abstract: This article has for objective to develop the study in the way of topical organization of a text journalistic printed paper. Since the processes involved in that organization form don't constitute a simple phenomenon, the theoretical model (the Model of Modular Analysis) it considers that an effective approach of the topic should take into account the information of different analysis levels, to apprehend all the complexity of the topical organization.

Keywords: *form of topical organization; Model of Modular Analysis; construction of the text.*

Resumo: Este artigo tem por objetivo desenvolver o estudo da forma de organização tópica de um texto jornalístico impresso. Uma vez que os processos envolvidos nessa forma de organização não constituem um fenômeno simples, o modelo teórico no interior do qual se realizou o estudo (o Modelo de Análise Modular do Discurso) considera que uma abordagem eficaz do tópico deve levar em conta as informações de diferentes níveis de análise, para apreender toda a complexidade da organização tópica.

Palavras-chave: *forma de organização tópica; Modelo de Análise Modular; construção do texto.*

0. Introdução

Os estudos que a Escola de Praga desenvolveu sobre a noção de tópico buscaram ultrapassar o limite da frase e aplicar a definição de informação “dada” e “nova” na análise de segmentos discursivos maiores. A finalidade era descrever “a escolha e a ordenação dos temas dos enunciados, sua concatenação e hierarquia mútuas, bem como seu relacionamento com os hipertemas de unidades textuais superiores (como parágrafo, capítulo...), com todo o texto e com a situação” (DANEŠ, 1974, p.114). Essas proposições de Daneš apontam, de forma clara, para a importância do tópico na construção do texto e abrem espaço para abordagens, como a de Brown & Yule (1983) e a de Chafe (1994), que consideram a noção de tópico sob o ponto de vista do discurso. A necessidade de se considerar o tópico sob esse ponto de vista vem do fato de que, podendo ser definido intuitivamente como “aquilo de que falamos/escrevemos”, ele constitui uma peça importante do jogo que se instaura entre os parceiros de uma dada situação de comunicação.

Nem sempre os textos apresentam traços lingüísticos que verbalizem os tópicos dos enunciados. Em muitos casos, os tópicos são implícitos, o que requer do leitor ou ouvinte um trabalho maior de construção de sentidos, que passa pela busca do tópico do enunciado e pela forma como ele se relaciona com os outros tópicos na representação global do texto. Nessa dinâmica própria da construção textual, o tópico aparece, assim, como um dos elementos responsáveis pela compreensão ou pela co-construção dos

sentidos. Essa importância se deve não apenas ao papel que desempenha no encadeamento dos enunciados, mas também ao fato de que a construção do tópico é largamente influenciada pela subjetividade, pela visão de mundo e pelos interesses de quem o constrói.

A partir dessas observações, considero que um estudo que pretenda dar conta da atuação discursiva do tópico não deve levar em consideração apenas um nível de análise, como ocorre, por exemplo, nas abordagens que se limitam ao estudo do tópico da frase. Afinal, o tópico constitui um fenômeno complexo, cuja análise deve fazer convergir os aspectos lingüísticos, textuais e situacionais (ou contextuais) da organização do discurso.

Em vista dessa exigência, acredito que o Modelo de Análise Modular (MAM), em sua versão atual (ROULET, FILLIETTAZ e GROBET, 2001, FILLIETTAZ e ROULET 2002, MARINHO, 2004, MARINHO, PIRES e VILLELA, 2007), constitua um quadro teórico e metodológico dotado de instrumentos eficazes para a realização de uma análise que considere os diversos componentes que participam da dinâmica tópica. Em linhas gerais, o MAM configura-se como um sistema de análise, que integra e articula, numa perspectiva cognitivo-interacionista, as dimensões lingüística, textual e situacional da organização do discurso. Reconhecendo que o discurso é um objeto complexo, cuja organização e cujo funcionamento envolvem aspectos de diferentes dimensões, Roulet (ROULET, FILLIETTAZ e GROBET, 2001) postula que o discurso pode, inicialmente, ser decomposto em um certo número de subsistemas de informações (ou módulos). Identificados os subsistemas que participam da organização do discurso, é possível combiná-los posteriormente, a fim de compreender de forma progressiva o objeto que deu origem a eles (FILLIETTAZ e ROULET, 2002).

Assim, o modelo modular parte da hipótese de que é possível descrever o sistema da língua independentemente da situação de interação em que ela é utilizada, assim como é possível descrever as estruturas sintáticas de um texto sem fazer referência à estrutura conceitual que subjaz a esse texto. Descritos os módulos, que definem as informações de base que participam do discurso,¹ o modelo considera que essas informações podem ser combinadas em formas de organização, a fim de se descreverem os diferentes aspectos envolvidos na produção e na interpretação da organização discursiva.²

Considerando que a dinâmica tópica não constitui um processo elementar, o MAM propõe que o seu estudo seja feito a partir da combinação progressiva de informações elementares no interior da forma de organização tópica. O estudo dessa forma de organização se faz em três etapas. Na primeira (item 1), estuda-se a forma de organização informacional. Na segunda (item 2.1), combinam-se os resultados obtidos

¹ De acordo com o MAM, cada dimensão do discurso se constitui de módulos. Assim, a dimensão lingüística se constitui dos módulos lexical e sintático; a dimensão textual se constitui do módulo hierárquico; e a dimensão situacional se constitui dos módulos interacional e referencial.

² O MAM postula a existência de duas categorias de formas de organização: as elementares (fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, seqüencial e operacional) e as complexas (periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica).

na primeira etapa com o estudo do módulo hierárquico sobre as relações entre os constituintes do texto. Na terceira e última etapa (item 2.2), os resultados obtidos na primeira são combinados com o estudo do módulo referencial sobre os conceitos mobilizados na interação. Neste artigo, investigo o alcance da análise propiciada pela forma de organização tópica, a partir do estudo do fragmento abaixo, extraído de um texto jornalístico impresso, que foi publicado na revista *Veja* e que trata da disputa entre dois políticos pelo cargo de presidente da Câmara dos Deputados.

“Os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, ambos do PT, passaram a semana trabalhando pesado — uma cena rara em Brasília, em especial neste período do ano. Os dois estão em campanha pela presidência da Câmara dos Deputados. Pela tradição, o cargo é ocupado por um parlamentar indicado pelo partido que detém a maior bancada”.

Revista *Veja* (12/01/2005)

1. Forma de organização informacional

O estudo da forma de organização informacional, no MAM, tem como objetivo dar conta da continuidade e da progressão informacional do discurso. Mais especificamente, o objetivo desse estudo é analisar a estrutura informacional de cada unidade mínima de referência (o ato) e descrever a sua inserção na estrutura do discurso.

Para o modelo modular, o estudo da continuidade e da progressão informacional não se faz mediante a observação dos encadeamentos entre os constituintes mínimos do texto, os atos. Esse estudo se realiza por meio da descrição dos encadeamentos entre cada ato do discurso e informações da memória discursiva. A memória discursiva, segundo Berrendoner (1983, p. 230-231), compreende “os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva” e é alimentada tanto pelos acontecimentos extralingüísticos como pelas enunciações sucessivas que constituem o discurso. Com o estudo da forma de organização informacional, busca-se, assim, descrever os encadeamentos entre os atos de um discurso, oral ou escrito, monológico ou dialógico, e as informações que foram previamente estocadas na memória discursiva dos interlocutores.

Com base na noção de memória discursiva e na distinção proposta por Chafe (1994) entre informações inativa, semi-ativa e ativada,³ bem como na sua hipótese de que a consciência humana focaliza apenas uma idéia de cada vez (“*only one idea constraint*”), Roulet propõe uma análise que não considera apenas as marcas lingüísticas do texto. Roulet (1996, p. 18) postula que “cada ato introduz uma

³ “A informação ativa [ou ativada] é entendida como a informação que já se encontra no foco de consciência do interlocutor num determinado momento; a informação semi-ativa é a que se encontra na consciência periférica do interlocutor, um conceito do qual se tem *background awareness*, mas que não está sendo diretamente focalizada; a informação inativa é a que se encontra na memória de longo termo, e não está sendo focalizada nem direta nem periféricamente” (MARINHO, 2002, p. 190).

informação dita então ativada e que a introdução dessa informação implica ao menos um ponto de ancoragem na memória discursiva, sob a forma de uma informação semi-ativa, que pode ser verbalizada ou não”. Dessa forma, cada ato ativa uma informação que ocupa temporariamente o centro da atenção dos interlocutores e que se ancora em pelo menos uma informação da memória discursiva.

Nos primeiros trabalhos do modelo modular sobre a forma de organização informacional (ROULET, 1996, GROBET, 1996), essa informação ativada em cada ato recebeu o nome de “objeto de discurso”. Porém, mais recentemente (GROBET, 2000, ROULET, FILLIETAZ e GROBET, 2001), percebeu-se que o termo “objeto de discurso” era insatisfatório, porque designa entidades discursivas semântico-referenciais que não são ligadas à unidade do ato. Por esse motivo, o termo “objeto de discurso” foi substituído pelo termo “propósito”, o qual é considerado mais adequado para designar a informação de tipo proposicional que é ativada pelo ato.

A relação do propósito com as informações da memória discursiva acontece em termos de ancoragem. Como foi dito, o ato ativa uma informação, o propósito, a qual deve necessariamente se ancorar em pelo menos uma informação da memória discursiva ou ponto de ancoragem. Não se trata de uma regra, mas de uma condição resultante do fato de que as informações que vão sendo introduzidas/ativadas num texto não surgem “do nada”. Elas sempre se ancoram explícita ou implicitamente nos domínios de referência já evocados no cotexto, como acontece em textos monológicos ou dialógicos, ou no domínio de referência constituído pela situação de comunicação, como acontece de forma predominante nos textos dialógicos. E tanto as informações que têm origem no cotexto, quanto as que têm origem na situação de comunicação são recobertas pela noção de memória discursiva. Assim, para o MAM, cada ato introduz/ativa uma informação, o propósito, o qual se ancora em pelo menos um ponto de ancoragem constituído por uma informação semi-ativa, portanto acessível, da memória discursiva. Esse ponto de ancoragem pode ter sua origem no cotexto, na situação de comunicação ou mesmo nas inferências que podem surgir de um ou de outro (MARINHO, 2005).

Conforme Grobet (2000), um propósito pode ter diversos pontos de ancoragem, situados em diferentes níveis da memória discursiva. Ao menos um desses pontos de ancoragem é constituído pela informação mais diretamente acessível da memória discursiva na qual o propósito se encadeia. Esse ponto de ancoragem é igualmente chamado de tópico e pode ser definido, segundo Grobet (ROULET, FILLIETAZ e GROBET, 2001, p. 255), como “uma informação identificável e presente na consciência dos interlocutores, que constitui, para cada ato, o ponto de ancoragem mais imediatamente pertinente, mantendo uma relação de a propósito (“*aboutness*”) com a informação ativada por esse ato”.

Os pontos de ancoragem imediatos (os tópicos) podem ser verbalizados no discurso por traços anafóricos, como pronomes ou expressões definidas. Esses traços são chamados de traços tópicos. Entretanto, em textos monológicos complexos e, principalmente, em diálogos, os tópicos podem ficar implícitos, isto é, podem não ser verbalizados por traço tópico. Quando isso ocorre, para encontrar o tópico é preciso buscar a informação mais diretamente acessível ou mais imediatamente pertinente no cotexto ou na situação de comunicação em que o propósito se ancora (MARINHO, 2005).

O estudo da forma de organização informacional de um discurso se faz mediante a combinação das noções de ato, pontos de ancoragem e propósito. Como foi possível observar, o tópico, nessa abordagem, não é um elemento textual, mas uma informação pertencente à memória discursiva dos interlocutores, cuja seleção acontece de forma retroativa: “cada ato ativa um objeto de discurso [ou propósito] que incrementa a memória discursiva, a qual passa a conter as informações nas quais o ato posterior pode se encadear (os pontos de ancoragem)” (MARINHO, 2002, p. 195). Assim descrito, percebe-se que o estudo da forma de organização informacional não leva em conta as informações de um único subsistema (ou módulo) do discurso. Ao contrário, ele resulta da combinação de informações de diferentes módulos: do hierárquico (responsável pela determinação da unidade mínima de análise, o ato), do lexical (responsável pela descrição das marcas lingüísticas do tópico) e do referencial (responsável pela determinação dos pontos de ancoragem).

A seguir, apresento a estrutura que constitui o resultado da análise da forma de organização informacional do fragmento exibido na introdução deste artigo.⁴

(01) Os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, ambos do PT, passaram a semana trabalhando pesado
(02) __ uma cena rara [Os deputados Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, ambos do PT, passaram a semana trabalhando pesado] em Brasília,
(03) (uma cena rara em Brasília) em especial neste período do ano.
(04) Os dois [Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães] estão em campanha pela presidência da Câmara dos Deputados.
(05) (A presidência da Câmara dos Deputados) Pela tradição,
(06) o cargo [A presidência da Câmara dos Deputados] é ocupado por um parlamentar indicado pelo partido que detém a maior bancada.

Figura 1. Estrutura informacional

Por meio dessa estrutura, é possível compreender que a informação da memória discursiva em que o ato (02) se ancora, ou seja, o tópico do ato (02) é toda a informação ativada pelo ato (01). Esse tópico é categorizado, no ato (02), pela expressão (traço tópico) “uma cena rara”. Isso significa que, para o autor do texto, deputados trabalhando pesado constituem uma cena rara. O tópico do ato (03) é toda a informação ativada pelo ato (02), o que se confirma com o auxílio da seguinte paráfrase: ver deputados trabalhando pesado é uma cena rara (informação ativada em (02)), principalmente no período em que a reportagem foi publicada (período de férias) (informação ativada em

⁴ De acordo com as convenções de transcrição da organização informacional, os atos são numerados e os traços que verbalizam o tópico são apresentados em negrito; o tópico assim verbalizado aparece entre colchetes, depois do traço. Quando o tópico é implícito, ou seja, não verbalizado por traço tópico, ele aparece entre parênteses, no início do ato.

(03)). O tópico do ato (04) são os políticos mencionados no ato (01), os quais são categorizados, em (04), por meio da expressão “os dois”. O tópico do ato (05) é “a presidência da Câmara dos Deputados”, informação ativada pelo ato (04), já que a expressão “Pela tradição” (05) se refere à presidência da Câmara ou à Câmara: pela tradição da Câmara dos Deputados. O tópico do ato (06) também é “a presidência da Câmara”, porque a expressão “o cargo”, presente em (06), se refere indiretamente à presidência da Câmara: o cargo de presidente da Câmara.

O estudo da forma de organização informacional, cujo resultado é a estrutura informacional, oferece uma descrição estática e linear, porque não permite distinguir, dentre as informações ativadas no fragmento analisado, quais parecem ter uma importância maior e quais parecem ter uma importância secundária. Também não permite explicitar as relações de implicação existentes entre as informações ativadas, descrevendo o processo de derivação que se verifica entre essas informações. Para dinamizar os resultados obtidos com o estudo da forma de organização informacional, é preciso aprofundar esses resultados, combinando-os com as estruturas que descrevem outros planos do discurso. Nos próximos itens, busco aprofundar a análise empreendida nesta etapa, a fim de descrever a forma de organização tópica em toda a sua complexidade.

2. Forma de organização tópica

Neste momento da análise da forma de organização tópica, descrevem-se a hierarquia e as relações de derivação entre os propósitos ativados em um texto. Nessa descrição, combinam-se, inicialmente, a estrutura informacional e a estrutura hierárquica, a qual resulta do estudo do módulo hierárquico. Posteriormente, combinam-se a estrutura informacional e a estrutura conceitual, a qual é resultante do estudo do módulo referencial. A combinação das estruturas informacional e hierárquica (item 2.1) permite descrever a hierarquia existente entre propósitos principais e subordinados, fornecendo evidências a respeito do grau de acessibilidade na memória discursiva das informações que funcionam como ponto de ancoragem. Já a combinação das estruturas informacional e conceitual (item 2.2) permite descrever as relações de derivação entre propósitos primeiros e derivados, explicitando o elo referencial que permite o encadeamento dos propósitos nos pontos de ancoragem.

2.1 A hierarquia entre as informações do texto

Antes de apresentar a análise do fragmento que venho estudando, considero importante oferecer, ainda que de forma abreviada, uma explicação do módulo hierárquico, mais especificamente da estrutura hierárquica.

Esse módulo é o responsável por definir as categorias e as regras que permitem gerar as estruturas hierárquicas de todo tipo de texto, dialógico ou monológico, oral ou escrito. Nesse módulo, defende-se a hipótese de que toda interação verbal se caracteriza por um processo de negociação em que os interactantes iniciam proposições, reagem a elas e as ratificam. Conforme Roulet (ROULET, FILLIETAZ e GROBET, 2001, p. 57), “toda intervenção linguageira (cumprimento, pedido, asserção, etc) constitui uma PROPOSIÇÃO, que desencadeia um processo de negociação entre os interactantes”. Essa negociação conjunta dos interactantes leva à construção de unidades textuais

complexas. Assim, toda unidade textual corresponde a uma das fases de um processo de negociação específico, e é esse processo que as estruturas geradas no módulo hierárquico buscam reconstruir e tornar visíveis.

Com a estrutura hierárquica, é possível visualizar as hierarquias e as relações que os constituintes do texto – trocas, intervenções e atos – estabelecem entre si. Essas relações, conforme o módulo hierárquico, são de três tipos: dependência, interdependência e independência. Existe uma relação de dependência entre dois constituintes, quando a presença de um deles está ligada à presença do outro, ou seja, quando a presença de um depende da presença do outro. O constituinte dependente é chamado de subordinado e pode ser suprimido sem comprometer a estrutura global do texto; o outro constituinte é chamado de principal e exprime uma informação necessária para o texto. Existe uma relação de interdependência entre dois constituintes, quando um deles não pode existir sem o outro. Para Marinho (2004, p. 92), constitui um exemplo desse tipo de relação “uma intervenção de resposta que tem sua existência dependente da de uma intervenção de pergunta e vice-versa”. Finalmente, existe uma relação de independência, quando a presença de um constituinte não está ligada à presença de outro, isto é, quando a presença de um não depende da presença de outro. Exemplos desse tipo de relação são as intervenções ou os atos coordenados.

Combinando a estrutura informacional do texto em análise, descrita no item 1, e a sua estrutura hierárquica, obtenho a seguinte estrutura (A = ato; I = intervenção; p = principal; s = subordinado):

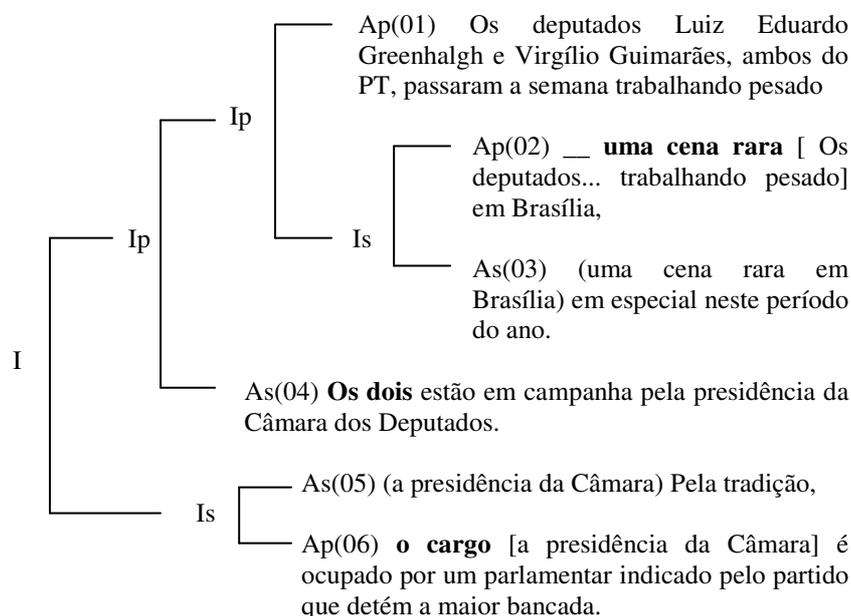


Figura 2. Estruturas informacional e hierárquica

As informações ativadas em constituintes principais do texto são aquelas que exibem um grau maior de acessibilidade na memória discursiva. Em vista da saliência dessas informações, considera-se que haja uma chance maior de elas se tornarem pontos de ancoragem (ou tópicos) das informações introduzidas posteriormente. É o que a estrutura acima permite verificar. O tópico do ato (02) é a informação ativada no ato (01), que tem o estatuto de principal em relação à intervenção subordinada de que o ato

(02) participa. No interior dessa intervenção, o ato (03) se encadeia na informação ativada em (02), ato que é principal em relação a (03). O ato (04) é subordinado em relação a toda a intervenção principal (01-03) e tem como tópico a informação ativada no ato principal (01). Embora os atos (01) e (04) estejam distantes na linearidade do texto, a hierarquia dos atos facilita o encadeamento do propósito ativado em (04) no propósito ativado em (01). Por fim, os atos (05) e (06) se ancoram em informação ativada no ato (04). Essas ancoragens encontram duas explicações igualmente válidas. A primeira diz respeito ao fato de que o ato (04), embora subordinado, integra a intervenção principal (01-04), o que tornaria mais acessível o propósito que ativa. Essa explicação leva em conta a hierarquia das informações. A segunda diz respeito ao fato de que a informação do ato (04) foi recentemente ativada em relação aos atos (05) e (06). Essa explicação leva em conta a proximidade dos atos (04), (05) e (06) na linearidade do texto.

2.2 A relação de derivação entre as informações do texto

Antes de prosseguir a análise, também considero importante oferecer, de forma sucinta, uma descrição do módulo referencial, particularmente da estrutura conceitual.

Esse módulo é definido como o responsável pela descrição das relações que o discurso mantém com o mundo no qual é produzido, bem como das relações que ele mantém com o(s) mundo(s) que representa. Conforme Roulet (1996, p. 22), “esses mundos podem analisados em **representações mentais** de tipo **praxeológico**, para as ações, e de tipo **conceitual**, para os seres e as coisas”. Assim, esse módulo busca dar conta, de um lado, das ações languageiras e não-languageiras realizadas ou designadas pelos parceiros de uma interação e, de outro lado, dos conceitos ativados em tais ações.

No estudo do módulo referencial, considera-se que as ações e os conceitos são parcialmente regulados por expectativas tipificantes. Nas interações efetivamente realizadas, essas expectativas atualizam-se em configurações particulares, que constituem o produto emergente da negociação instaurada entre os interactantes ao longo de um dado discurso. Dessa maneira, o módulo referencial se ocupa tanto da descrição de representações esquemáticas (praxeológicas e conceituais), referentes às expectativas tipificantes subjacentes ao discurso, quanto da descrição de estruturas emergentes (praxeológicas e conceituais), referentes às configurações particulares e resultantes de realidades discursivas específicas (FILLIETTAZ, 1996, ROULET, FILLIETTAZ e GROBET, 2001).

Em função das representações esquemáticas, as informações ativadas no discurso se organizam em estruturas conceituais emergentes, que desempenham, segundo Roulet (1999, p. 156), “um papel determinante na organização tópica”. Essas estruturas conceituais visam a explicitar os conceitos efetivamente negociados em uma interação particular, descrevendo quais deles são primitivos e quais são derivados, bem como os mecanismos de derivação ou as relações observáveis entre esses conceitos.

A combinação da estrutura informacional do fragmento em análise com a sua estrutura conceitual permite esquematizar a estrutura abaixo.

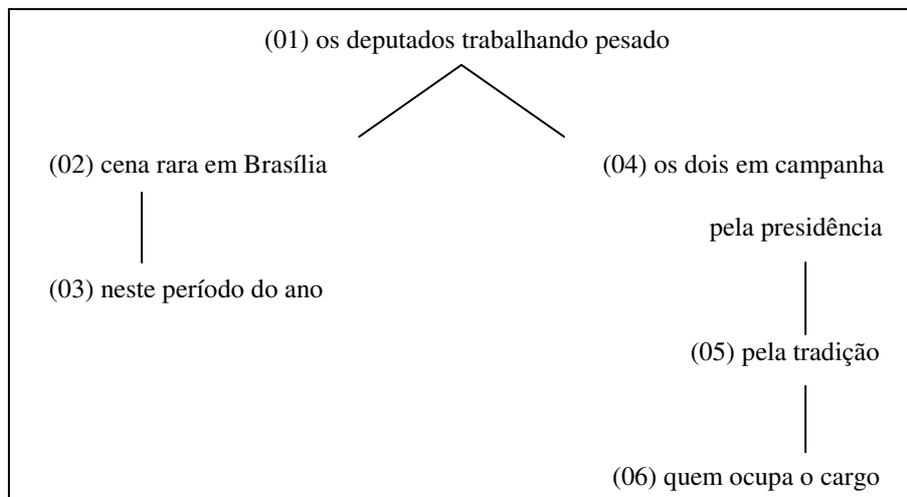


Figura 3. Estruturas informacional e conceitual

Essa estrutura representa as relações de derivação existentes entre as informações da estrutura informacional. A informação ativada pelo ato (01) constitui o conceito de maior importância do fragmento em análise. É desse conceito, chamado de primitivo ou de entidade tópica,⁵ que derivam imediatamente os conceitos “cena rara em Brasília” (ativado em (02)) e “os dois em campanha pela presidência” (ativado em (04)). A relação de derivação entre esses conceitos, explicitada na estrutura acima, traz à tona o elo conceitual que subjaz ao encadeamento dos atos (02) e (04) na informação ativada em (01). Assim, a informação ativada em (01) constitui o tópico dos atos (02) e (04), porque “uma cena rara” (ato (02)) funciona como um comentário para a informação de que os deputados estão trabalhando pesado (ato (01)), enquanto “os dois em campanha pela presidência” (ato (04)) traz uma explicação para essa informação: os deputados estão trabalhando pesado, porque estão em campanha pela presidência da Câmara.

Da mesma forma, a relação de derivação que se observa entre os atos (02) e (03), de um lado, e os atos (04), (05) e (06), de outro, também faz emergir o elo conceitual que autoriza o encadeamento das informações ativadas nesses atos. Na estrutura informacional, o propósito ativado em (02) constitui o tópico de (03), porque na estrutura conceitual verifica-se uma relação entre os conceitos ativados nesses atos, a qual pode ser assim verbalizada: principalmente no período de férias, é incomum ver políticos trabalhando. Na estrutura informacional, a informação “a presidência da Câmara”, ativada em (04), é o tópico dos atos (05) e (06), o que se explica pelo fato de que, na estrutura conceitual, a informação do ato (04) é um conceito primitivo do qual derivam de forma imediata as informações ativadas em (05) e em (06).

⁵ Grobet aproxima a noção de conceito primitivo da noção de entidade tópica, tal como proposta por Brown e Yule (1983): “Na estrutura conceitual, a entidade tópica pode ser definida como a representação mental de um referente ativado pelo discurso (ou pela situação), a partir da qual outras informações são derivadas” (GROBET, 2000, p. 343).

3. Considerações finais

Este artigo buscou mostrar, por meio da análise do fragmento de um texto jornalístico impresso, que as três etapas em que se desenvolve o estudo da forma de organização tópica permitem combinar planos específicos do discurso para realizar o estudo do tópico. Na primeira etapa, procedeu-se ao estudo da forma de organização informacional, a fim de extrair a estrutura que descreve de forma linear e estática a ancoragem do propósito de cada ato em informações da memória discursiva. Na segunda etapa, buscou-se relativizar a linearidade da estrutura informacional, combinando-a com a estrutura hierárquica, para verificar a hierarquia entre propósitos principais e subordinados. Por fim, na terceira etapa, relativizou-se a linearidade da estrutura informacional, combinando-a com a estrutura conceitual, a fim de fazer emergir as relações de derivação subjacentes às informações do texto.

Na perspectiva adotada pelo Modelo de Análise Modular, a forma de organização tópica compreende que o estudo do tópico deve resultar do relacionamento de diferentes níveis de análise (GROBET, 2000). Assim, o método apresentado aqui busca apreender a organização tópica em toda sua complexidade e busca ultrapassar a separação entre abordagens frásticas e discursivas do tópico, a fim de articulá-las no interior de um mesmo estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERRENDONER, A. “*Connecteurs pragmatiques*” et anaphore. Cahiers de linguistique française 5, 1983, p. 215-246.

BROWN, G & YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CHAFE, W. L. *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: Chicago University Press, 1994.

DANEŠ, F. *Functional sentence perspective and the organization of the text*. In: DANEŠ, F. (ed.) *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Mouton, 1974, p. 106-128.

FILLIETTAZ, L. *Vers une approche interactionniste de la dimension référentielle du discours*. Cahiers de linguistique française 18, 1996, p. 34-67.

FILLIETTAZ, L. e ROULET, E. *The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization*. *Discourse Studies* 4(3), 2002, p. 369-392.

GROBET, A. *Phénomènes de continuité: anaphoriques et traces de points d’ancrage*. Cahiers de linguistique française 18, 1996, p. 69-93.

GROBET, A. *L'identification des topiques dans les dialogues*. Thèse de doctorat, Université de Genève, 2000.

MARINHO, J. H. C. O funcionamento Discursivo do Item “Onde”: uma abordagem modular. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Tese de doutoramento, 2002.

MARINHO, J. H. C. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. In: Revista da Anpoll 16. São Paulo. Jan/jun. 2004, p. 75-100.

MARINHO, J. H. C. A organização informacional em *Uma História Distraída*, de Cida Chaves. In: MELLO, R. *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005, p. 295-308.

MARINHO, J. H. C, PIRES, M. S. O. e VILLELA, A. M. N. (orgs.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.

ROULET, E. *Une description modulaire de l'organisation topicale d'un fragment d'entretien*. Cahiers de linguistique française 18, 1996, p. 11-32.

ROULET, E. *La description de l'organisation du discours*. Du dialogue au texte. Paris: Didier, 1999.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

